

Gilles Deleuze à sombra das veredas: o afeto e o duplo como forma de vida no romance de Guimarães Rosa

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim¹ (UNIMONTES)

Resumo:

Discutiremos em Gilles Deleuze a idéia de forma de vida a partir de dois personagens na obra Grande Sertão-Veredas: Riobaldo/Tatarana e Reinaldo/Diadorim. Para isso, Deleuze nos apresenta os conceitos de hecceidade e individuação. Os dois personagens nos apresentam na obra, práticas que fogem de uma tradição que estabelece um ethos para a vida de um bando no sertão, tipificado nos jagunços. Os signos de amor entre Riobaldo e Diadorim intensificam uma individuação que não se segmenta em homem e mulher, mas entre corpos livres da forma ou de qualquer “órgão” individualizante. Essa individuação por afetos não é submetida ao binarismo homem/mulher, mas a práticas de vida que inventam uma nova maneira de viver. Daí, o conflito se estabelece, pois haverá sempre um jogo do duplo, de “devires” e de máscaras. Observaremos os conflitos vividos por Riobaldo que se vê envolvido por um amor transgressor: o amor a Diadorim/Reinaldo: intenso e independente das normas de uma tradição. Segundo Deleuze, são esses agenciamentos que fazem e constituem as “hecceidades”, ou seja, uma prática que se estabelece a partir de um poder de afetar e ser afetado, nos indicando as singularidades de uma vida que escapa a individualização que determina a natureza humana.

Palavras chaves: hecceidade, individuação, afetos, duplo, singularidade.

Guimarães Rosa ao apresentar sua obra Grande Sertão: Veredas nos abre a um mundo de possibilidades. Não falamos de um texto movido somente pela imaginação. Mais do que isso, Rosa vai descrevendo as tessituras de encontros e desencontros, apontando as marcas que moldam uma natureza humana, sua condição e história. Em lugar de apontar uma essência que percorre o ser sertanejo, ele nos indica que a vida é condicionada por um conjunto de práticas e relações. É o que chamaremos de individuação, ou seja, como alguém se torna o que é.

A idéia deste texto é apresentar, partindo do conceito de individuação, dois personagens que atravessam a obra de Rosa: *Riobaldo e Diadorim*. Eles serão uma estratégia que utilizaremos para apresentar alguns conceitos de Gilles Deleuze e a inserção desses conceitos na literatura de Rosa, no Sertão roseano, palco onde se darão os acontecimentos da trama. Na verdade, o sertão de Rosa não permite o aparecimento de um sujeito ou de uma consciência que se coloque acima de sua realidade, dado que o “Sertão está em toda parte”. O desafio é viver suportando a imanência absoluta do Sertão e os riscos do viver como negócio perigoso. Viver dentro do Sertão, é aceitar a idéia de que nada existe fora e nem acima dele. Sertão e vida se entrelaçam e desaparecem numa mesma coisa, numa mesma composição: tudo misturado no meio do redemoinho. A narrativa descontínua de Rosa nos permite pensar o tempo que se redescobre, mas, que não se reconcilia. Riobaldo, narrador principal da trama, num exercício de memória, vai constituindo um novo processo de percepção. A narrativa faz com que ele perceba no expresso de seus vividos novas significações. Teremos um ininterrupto fluxo de consciência, como se através da narrativa, o

sertão novamente se abrisse e se redescobrisse em antigas e novas paisagens. Um tipo de catarse criativa e redentora, onde passado e futuro estão amarrados por um tempo contraído, e esse tempo contraído torna-se provocador de novas sensações que não se prendem aos meros estados vividos, como uma simples imaginação ou recordação. O conjunto da narrativa de Riobaldo o arremessa para o passado, mas ele não o reconhece. Não se reconcilia com o vivido. O passado de Riobaldo é uma névoa densa, mas o presente é a experiência de um tempo como simples travessia.

No vir-a-ser de sua invenção, Riobaldo torna-se jagunço e encarna todos os elementos e representações que implicam essa forma de vida, uma delas, e talvez, a mais forte, seja a masculinidade característica dos homens da terra. Mas a sua forma-homem sofre distorções e disjunções. Riobaldo escapa ao mundo das representações ou pelo menos, se a ele pertence, ele também o trai. E é nesse processo de traição constante que Riobaldo faz de si mesmo um particular acontecimento. Uma hecceidade. Mas isso ocorre a partir de um encontro e é aqui, precisamente que um elemento diferenciante surge como precursor de um Riobaldo traidor: Diadorim. É nessa teia promovida por um tempo redescoberto, que Riobaldo conhece o amor. Que elemento estranho é esse que aparece na vida de Riobaldo e que modifica completamente seu modo? Que encontro foi esse que se compôs com a sua singularidade e promoveu uma nova forma de vida? (...) *Diadorim é minha neblina* (...). (ROSA, 1986, p. 16). Diadorim, o duplo de Reinaldo. Devir-feminino e devir-masculino. Reinaldo/Diadorim não possui identidade. O que encontramos é um movimento que se esvai e desliza de acordo com os interesses e as circunstâncias¹. “(...) *o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam* (...)” (id. Ibidem, p. 15).

Não podemos conhecer a essência de Reinaldo/Diadorim. Ele não possui uma natureza, não se fecha num universo determinado pelas leis da biologia. Num jogo confuso, a artimanha de Guimarães Rosa é bastante provocadora por dois motivos: primeiro, ele cria uma personagem mulher, mas que enquanto “modo”, é masculino; e segundo, ele põe o afeto (nesse caso, o amor) acima de qualquer determinação biológica, isto é, Riobaldo se apaixona por um homem (Reinaldo). Daí, a transgressão instaurada no romance. As relações tradicionais que compõem a existência no Sertão não permitem experimentar certos regimes de vida. Esse amor transgressor leva ao limite esse perigo de viver, perturbando o pleno desenvolvimento de uma ordem das coisas.

Não há uma explicação de ordem lógica no romance de Rosa². O que organiza o tempo da narrativa é a intensidade da força dos acontecimentos e as novas percepções que eles incitam, dentre elas, a percepção e afirmação dos signos amorosos por Riobaldo. A sua alma fora entregue aos cuidados de Diadorim. E esse amor como um afeto é dissolvido entre o desejo e o gostar: qual loucura seria esse amor e esse gostar que perpassa esses dois personagens? Qual a força desse desejo que rompe e destoa da tradição e os componentes que estabelecem um “ethos” para a vida marcada nas tipificações dos jagunços? Os signos de amor entre Riobaldo e Diadorim intensificam uma individualização que não se segmenta em

¹Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este é o nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente... (Id. Ibidem. p. 133).

² Não há a necessidade para uma explicação do como surgiu o amor entre Riobaldo e Diadorim ou de como esse encontro aconteceu. O que encontraremos é um tempo que se entrecruza de alguma maneira. Sob a forma de passagens e acasos, a implicação entre eles se dá aleatoriamente, indo desde o encontro de Riobaldo e Reinaldo na travessia do rio até o reencontro entre os dois na casa do padrinho de Riobaldo. Mas o afeto que os une é irremediável, e como afirma Riobaldo, “*Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei* (...)”. (id. Ibidem. p. 20).

homem e mulher, mas entre corpos desejantes e livres de qualquer órgão individualizante. Essas individuações por afetos constituem práticas de vida que comunicam numa nova maneira de viver. E é nessa aventura que os dois nos apresentam um duplo ou um jogo de máscaras. O duplo Riobaldo/Tatarana: Matador e viril. Sensível, inventor de dúvidas e fabricante de pensamentos que remói as incertezas da escolha. O duplo Diadorim/Reinaldo: sorridente e silencioso, que escolheu o sertão como companhia e destino. Que falava com os olhos. E que tinha a vingança como intenção. O que uniria a vida desses dois personagens entre si? Quais os elementos que poderiam compor entre eles, no entre-tempos da existência, afetos comuns e indissolúveis? Ao apresentarmos a possibilidade do duplo entre os dois personagens, também notamos que o Sertão também possui o seu duplo ou múltiplo sentido: é visto enquanto lugar de pura beleza, mas, ao mesmo tempo, nesse mesmo sertão, há “pequenos sertões”, onde o inferno acontece. O sol, símbolo maior de luz, trás também a imagem da morte, dos sentimentos carregados por dentro, por idéias que cansavam a mente e fazia deslizar pensamentos pela superfície arenosa da terra. Nada escapava ao sertão. Nada estava acima dele. Paraíso e inferno. Condição e insensatez. Imanência pura³.

Mas, delírio de Riobaldo era “*poder gostar de Diadorim*”, “*meu amor de prata e meu amor de outro*” (Id. *Ibidem*, p. 41). Riobaldo queria escapar de toda determinação. E qual seria a sua “linha de fuga”? O amor. Diadorim era a sua pretensão maior, escondido por entre ideações de amor. Diadorim, não só era a sua neblina, mas também sua vereda. Diadorim, imagem perturbadora que carregava no para-si a contínua duplicidade de anjo e demônio. Diadorim era a constante febre. Embaralhava os sentidos e fazia com que Riobaldo carregasse por dentro e levasse junto de si, Deus e o Diabo.

Na verdade, a narrativa de Riobaldo nos impõe e convida para uma travessia onde os encontros efetivamente se dão, como se ele buscasse um pouco de vida nos intervalos do tempo que flui – os olhos de Diadorim –. Nem a morte, combate a combate, fazia com que ele se esgueirasse dos seus verdadeiros desejos. Transgressores desejos. Declarar-se a Diadorim, que aparecia e desaparecia, furtando a lógica por contradição. Ele era “*feito mau amor oculto*” que a vida encobre por jogo de situação e risco. E o medo, que tanto tange o vai-e-vem das coisas, também envolve Riobaldo. Esse medo que o serpenteia diz respeito ao medo de si mesmo e o joga na procura por uma transcendência qualquer: a lembrança de Otacília para escapular das exigências da imanência. Mas, se Otacília é sua transcendência, Diadorim é sua ligação com as forças vitais da vida, da terra. Diadorim, como uma aranha, tecia as teias do tempo de Riobaldo: tempo incerto e movido por acasos, sobressaltos e que Riobaldo dá testemunho⁴. Diadorim como lembrança contraída. Percepção de Riobaldo, Diadorim é o objeto reintroduzido no tempo⁵. Esse aparecer é o *acontecimento*. Uma brisa, um raio de sol, a travessia do rio... Riobaldo, envolto nesse novo afeto, deixara-se seduzir por “algo” que ultrapassa a explicação e a razão⁶. Para Riobaldo, Diadorim provocava nele a

³Eu abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alteravam, circunstavam. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginando; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido. So saiba: o liso do Suçuarão concebia o silêncio, e produzia uma maldade – feito pessoa! Não destruí aqueles pensamentos: ir, e ir, vir – e so (...). (Id. *Ibidem*. p. 40).

⁴A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. (Id. *Ibidem*. p. 82).

⁵E esse procedimento na narrativa surge quando Riobaldo fala de quando esse objeto aparece pela primeira vez, “*ai pois, de repente, vi um menino, encostado numa arvore, pitando cigarro*” (...) *Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido.*” (Id. *Ibidem*. p. 85-86).

⁶E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. “Você também é animoso...” – me disse. Amanheci minha aurora. (Id. *Ibidem*. p. 90).

ausência de um termo que o designasse e o significasse, “*eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome*”. (Id. Ibidem, p. 92). O acaso desse encontro não se define pela objetividade de um tempo, afinal, “os gerais desentendem de tempo⁷”. Essa disjunção do tempo é inclusive uma característica da própria narrativa de Riobaldo. Todo o fluxo de consciência de Riobaldo é uma reinvenção do tempo, mas lembrando, que, esse mesmo tempo jamais conseguirá refazer o nó outrora desfeito, afinal, segundo Riobaldo, “*a vida não é entendível*”⁸ (Id. Ibidem, p. 119). Qual é a linguagem que se estabelece nessa paixão e amor disforme entre Riobaldo e Diadorim? Depararemos com um problema que é a expressão desse amor ou mais ainda, o expresso desse amor, isto é, seu sentido⁹. Como dizer o indizível? A comunicação dos afetos entre Riobaldo e Diadorim encontra limites na estrutura da própria linguagem. Quando ambos enunciam, à sua maneira, o amor que os atravessa, não encontrará uma enunciação individual, mas um composto entre Eu=TU, ou seja, algo que se dá simultaneamente, ou como afirma Deleuze, o enunciado será sempre coletivo. (Id. Ibidem, p. 18) e conseqüentemente provocará uma torção por individuação. Isso quer dizer que, todas as vezes que Riobaldo e Diadorim declaram seus sentimentos, pelo olhar ou pelo toque, “algo acontece” e vai dissolvendo as suas identidades.¹⁰ Não encontramos no romance a frase *eu te amo*. Como isso se explicaria, apesar do forte amor que os unia? Talvez isso se explique pelo fato de que o enunciado *eu te amo* está mascarado nos atos, mas, permanece inacessível às categorias lingüísticas. É muito mais da ordem dos agenciamentos do que propriamente da ordem de uma frase que não consegue expressar o que um afeto verdadeiramente é¹¹. Entramos no problema do valor da palavra, no que ela representa e em sua necessidade lógica. A expressão lingüística do amor entre Riobaldo e Diadorim, leia-se, afetos, não seguia às normas da palavra revelada, como se a frase “*eu te amo*” fosse uma palavra de ordem que bastasse a si mesma. Eles não precisavam dessa verdade do enunciado em face de uma realidade inapreensível pela sintaxe. Se a palavra enquanto expressão do pensamento não dizia tudo, era porque os modos ou a potência de cada movimento afetivo antecipariam a qualquer expressão lingüística. Guimarães Rosa nos coloca os limites da palavra. Em se tratando do “afeto como expresso”, a gramaticalidade é incapaz de dar conta do paradoxo e do contrasenso que circula a difícil experiência do amor entre Riobaldo e Diadorim. Teremos somente signos que interrompem a gramática e introduzem nos fatos um diferente jogo em que a exigência maior é a qualidade

⁷ (...) Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. – “Essas são as horas da gente. As outras de todo tempo, são as horas de todos”.

⁸ Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (Id. Ibidem. p. 159).

⁹ Deleuze nos aponta algo que pode nos ajudar, vejamos: “*É verdade que ainda não se consegue compreender bem como é possível fazer, dos atos de fala ou pressupostos implícitos, uma função coextensiva à linguagem*” (Deleuze, 1995. p. 15).

¹⁰ A esse processo, Deleuze chama de: (...) subjetivação por enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina. Esse é precisamente o valor exemplar do discurso indireto e, sobretudo do discurso direto “livre”: não há contornos distintivos nítidos, não há, antes, inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos, mas um agenciamento coletivo que ira determinar como sua conseqüência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso. (Id. Ibidem. p. 18).

¹¹ Para Deleuze, Um tipo de enunciado só pode ser avaliado em função de suas implicações pragmáticas, isto é, de sua relação com pressupostos implícitos, com atos imanentes ou transformações incorpóreas que ele exprime, e que vão introduzir novos recortes entre os corpos. (Id. Ibidem. p.23).

da percepção. Não queremos falar de um mistério do ser que somente pela linguagem nos é revelado. Contrário a isso, a idéia é pensar como uma quantidade de signos vai aparecendo no romance até o seu final, constituindo todo o teatro amoroso, nos indicando o “ilimitado da significância”. Dessa forma, não dispomos de palavras. Só temos afetos que se dobram sobre o espírito. E em todo o romance observamos isso. Uma dificuldade do discurso. O esvaziamento da palavra em função de outras comunicabilidades¹². A já, que ia m’embora, fugia. Onde é que estava Diadorim? Nem eu não imaginava que pudesse largar Diadorim ali. Ele era meu companheiro, comigo tinha de ir. Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava – da **banda de fora de mim**. Diadorim não me entendeu. Se engrotou. (Id. *Ibidem*, p. 156). Grifo meu.

Na citação acima, novamente o duplo em Riobaldo: quem é esse Riobaldo que clama por um amor que pode ser vivido pela “banda de fora de mim”? Um vir-a-ser que não se fecha na verdade de uma essência, pelo contrario, a desconstrói. Os afetos negam e dissolvem uma essência que os definiria de antemão. O problema torna-se então ético e ontológico: os afetos e os modos que definem um corpo, uma vida¹³. Riobaldo e Diadorim se perdem e desaparecem de instantes em instantes no fluxo particular que desenvolvem no meio do sertão. Os modos ou hecidades que os une se desvinculam dos signos pré-estabelecidos, sejam orgânicos, sociais ou culturais. A potência da vida transborda os limites e o que encontraremos é a “*paixão como um campo de intensidades continua. Uma emissão de signos partículas. Fazer o corpo sem órgãos da consciência e do amor*” (DELEUZE, 1965, p. 90). Se Deleuze fala em dessubjetivar a consciência, não é visando um verdadeiro aparecimento do ser que vive por trás de Riobaldo e Diadorim. Muito menos, veremos Deleuze nos falar de uma busca por uma profundidade qualquer no infinito do ser. Em lugar de profundidade, ele fala de superfície. De plano e de geografia. O sertão para nós é esse plano e superfície. O afeto é a força que une e compõem os elementos desse plano. Plano dessubjetivado. O afeto e as paixões pertencentes ao plano significam para Riobaldo uma anti-natureza¹⁴. É o que Deleuze chamará de “anômalo”, conceito bastante apropriado para explicar os devires que perpassam especialmente Riobaldo. Um afeto é anômalo porque é alógico¹⁵. Riobaldo e Diadorim, intensidades de um amor deformado, mesmo com todas as representações possíveis¹⁶. Eis a dificuldade para se definir o amor entre Riobaldo e Diadorim. A anomalia que caracteriza esse amor é proveniente de algo precedente: a

¹²Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. So os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. (Id. *Ibidem*. p. 157).

¹³É o que Deleuze chamaria (tendo como referência o romance), de corpo sem órgãos, isto é, a liberação de todos os “estratos” que nos determinam organicamente e também servem como fundamento para interpretação e subjetivação de acordo com conveniências e necessidades.

¹⁴“(…) Ele gostava, destinado, de mim. E eu – como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? ‘Diadorim tomou conta de mim’” (ROSA. p. 166)

¹⁵Mas o anômalo não é tampouco um portador de espécie, que apresentaria as características específicas e genéricas no mais puro estado, modelo ou exemplar único, perfeição típica encarnada, termo eminentemente de uma série, ou suporte de uma correspondência absolutamente harmoniosa. O anômalo não é nem indivíduo nem espécie, ele abriga apenas afectos, não comporta nem sentimentos familiares ou subjetivados, nem características específicas ou significativas. (DELEUZE, 1997. p. 27).

¹⁶Tornei a entrar na rebaixa. Diadorim permanecia la, jogado de dormir. De perto, senti a respiração dele, remissa e delicada. Eu ai gostava dele. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava. (ROSA, 1986. p. 170). Um conjunto de corpos tomados como longitude: uma cartografia. Em suma, entre as formas substanciais e os sujeitos determinados, entre os dois, não há somente todo um exercício de transportes locais demoníacos, mas um jogo natural de hecidades, graus, intensidades, acontecimentos, acidentes, que compõem individuações, inteiramente diferentes daquelas dos sujeitos bem formados que a recebem. (DELEUZE? 1997. p. 38).

indefinição de um corpo: o amor como efeito de um afeto contraído e descolado de qualquer fundamento orgânico. Ou seja, o que definira o corpo-apaixonado de Riobaldo e de Diadorim, será a potência que os faz expandir. E Guimarães Rosa vai apontando isso no decorrer da trama. Há “alguma coisa” e essa é da ordem do indizível mesmo, que faz com que as intensidades extrapolem o nível do corpo, suas funções e representações. Experimenta-se um sentimento e a paixão anômala é levada ao limite e ao extremo. Riobaldo vivia entre o desejo e a culpa.

Atravessar o sertão e seu vazio. Mas, sempre no meio disso tudo, há o desejo. A consciência narrativa enquanto um fluxograma vai desdobrando as aventuras desse desejo como elemento constitutivo de uma anti-natureza. Como afirma Deleuze, em favor de uma nova idéia de corpo enquanto materialidade de afecções e afetos¹⁷. Vejamos também que ROSA ao tratar de Riobaldo corrobora com Deleuze¹⁸. O Sertão é para nos, nesse texto, o que Deleuze chama de plano de consistência (ou imanência). O Sertão não é constituído por uma consciência e nem dependente de uma determinação de Riobaldo. O Sertão simplesmente é. Absoluto: “*Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. O Sertão é quanto menos se espera; digo*” (ROSA, 1986, p. 249). Se há uma tensão que dá o tom trágico da existência, é porque o trágico já se encontra como gênese da própria vida. E o Sertão imanente não contraria as regras da própria vida, pois ambos se misturam inteiramente: razão e loucura. Sertão e vida. E assim, a cartografia vai se delineando. Se implicarmos Sertão, hecceidades e individuação, perguntamos: A ausência da individualidade de Riobaldo o jogaria no abismo da loucura, da destruição e da morte? Mas o amor por Diadorim não seria o “descanso na loucura” de Riobaldo? O Sertão dissolve o sujeito e restitui um novo modo, assubjetivo, mas provido de sentido. Um sentido que não carece de um sujeito e nem de um lugar. “(...) *O sertão é sem lugar*”. (Id. *Ibidem*, p. 310), e ao falarmos do Sertão não podemos pensar em estrutura. Há somente um movimento qualquer¹⁹. E é esse movimento que desencadeará o que estamos chamando de redenção em Riobaldo, como se duas linhas se encontrassem: a linha do amor e a linha da morte. Diadorim, àquele que se tornou o *grande acontecimento* na vida de Riobaldo, afecção maior de uma paixão e que mantém Riobaldo num tipo de exílio do sentimento é desvelado. Esse “aparecer” de Diadorim enquanto revelação do mistério que percorre a obra redime Riobaldo, mas também o comprime no absurdo, abandonando-o ao delírio provocado pela verdade. Quando falamos de redenção, queremos dizer que Riobaldo reencontra sua forma-homem. É com a sua morte que Diadorim *salva* Riobaldo de uma des-natureza. Riobaldo transfigurado pela imagem de Diadorim-mulher: agora morta, “*que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do*

¹⁷Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). (DELEUZE, 1997. p. 46).

¹⁸O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao Senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era?

¹⁹(...) Sertão, - se diz -, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação. (Id. *Ibidem*. p. 335). Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para a força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. Eu sabia, eu via. (Id. *Ibidem*. p. 329).

que a surpresa.” (Id. Ibidem, p. 530). O segredo revelado por Diadorim: “*Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era a mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluçei meu desespero.*” (Id. Ibidem, p. 530).

Diadorim reconstrói-se no aparecer do corpo-mulher o mundo dos objetos e das formas. Riobaldo, redimido do desejo, é absolvido, mas se vê impossibilitado de experimentar o seu objeto recuperado. Mas um paradoxo se abre, pois, se a morte de Diadorim o redime, também o joga num abismo de indefinições e desvario, ou seja, aquele corpo-mulher que o livrara da culpa de um amor transgressor o escapa: “*Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes.*” (Id. Ibidem: 530-531). A sua narrativa ao interlocutor “sem palavras” talvez seja uma maneira de convencer a si mesmo da possibilidade do impensável, do inimaginável e do inverossímil. Para Riobaldo, vida e narrativa se misturam e compõem seu jogo existencial²⁰. Esse falar tresloucado de Riobaldo o empurra mais ainda para a indeterminação e a dúvida. Em lugar de fazê-lo significar e interpretar, a sua fala na verdade faz com que ele experimente novamente o devir-amoroso.

Nesse texto, falamos do impessoal. De como o Sertão transfigura e dissolve os “eus”. Falamos de encontros que aumentam ou diminuem a potência da vida. Falamos de Riobaldo e Diadorim que vão perdendo a sua subjetividade em favor de algo muito maior: os modos de individuação ou hecceidades. Há sempre no fluxo narrativo de Riobaldo o aspecto sombrio da indefinição e da ausência de um “termo real” em função da idéia de variação²¹. O devir faz com que Riobaldo se encontre e se perca. O sentido está realmente nesse intermédio; desde os signos amorosos entre Riobaldo e Diadorim, passando pelo transgressor amor vivido na particularidade de ambos, chegando até o limite da verdade que implode na fatalidade cega das forças do devir: a morte de Diadorim. O movimento reflexivo de Riobaldo não resgata seu “ego” e nem se espera o reencontro de uma totalidade, apenas a indicação da efemeridade da vida, re-contada e re-vivida na extemporaneidade da memória. Se para Riobaldo, o que “*existe é homem humano. Travessia*” (ROSA, 1986, p. 538), então veremos que Guimarães Rosa abandona uma lógica das determinações. E Deleuze chamaria essa travessia de “acontecimento”, isto é, todas as tramas que costuram intermitentemente o real. Se para Deleuze, o “devir” foge de um “termo real” é porque a idéia de principio ou de fim não corrobora com a idéia de sentido.

Com a morte de Diadorim, o apelo final da tragédia é arremessar Riobaldo para a experiência da solidão. Mas a incompreensão pelos rumos da vida e pelas armadilhas de um tempo irreconciliável com o presente o incomoda.²² Longe de possuir uma individualidade ou subjetividade, Riobaldo é um “*conjunto de afectos não subjetivados*” (Id. Ibidem, p. 49).

²⁰“*Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.*” (Id. Ibidem. P. 531). “*(...) depois, durante muitos espaços, eu restava esquecido de tudo, de quem eu era, de meu nome.*” (Id. Ibidem. p. 532).

²¹É a última travessia de Riobaldo como redimensionamento da sua existência: a dissolução do duplo de Diadorim. Dessa forma, o Sertão se transformara no local de perdas e redensões²¹. Como disse Deleuze: “O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna” (DELEUZE, 1997. p. 18).

²²Encontramos no meio de sua conversação, mistério e loucura. Razão e absurdo. A sua narrativa é um quase-retorno e o tempo é contraído na passividade da recordação e da imaginação. Toda essa estratégia de compreensão do mundo, desde já, nos mostra uma necessidade de revitalização da linha do tempo, que na narrativa frenética é descontínuo. Para Deleuze, “*(...) é o tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que so conhece velocidades, e ao mesmo tempo não pára de dividir o que acontece num já-ai e um ainda-não-ai, um tarde-demais e um cedo-demais sumultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar.*” (DELEUZE, 1997. p. 48-49).

Riobaldo é uma vida desubstancializada que vive os movimentos secretos de sua mudança. E perder-se é o efeito da sua última travessia após a morte de Diadorim que lhe impõe a experiência da solidão e que consolida definitivamente o distanciamento entre Riobaldo e o mundo, afinal, Diadorim era o seu afeto mais poderoso, e se ela morre, o mundo também desaparece, como Riobaldo descreve ao lado do corpo sem vida de Diadorim: “(...) *Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo.*” (ROSA, 1986, p. 531). O paradoxo existencial que percorre a trama, por vezes nos confunde. E o maior paradoxo de todos é o caso de amor entre Riobaldo e Diadorim. Esse amor reinventa o sentido de mundo tornado-se elemento diferenciante desse mesmo mundo. O corpo morto de Diadorim não recupera uma lógica interna de um movimento qualquer, até porque o tempo do Sertão é alógico. Tempo desmedido e desmesurado. Riobaldo está condenado à solidão e ao silêncio. Mas, enfim, é preciso cortar o fluxo narrativo e abandonar, pelo menos provisoriamente, a percepção de um tempo-vivido, e como falou Riobaldo: “*Aqui a estória se acabou. Aqui, a estória acabada. Aqui a estória acaba.* (Id. *Ibidem*, p. 531)”.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Sônia Maria Viegas. *A vereda trágica do “Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Loyola, 1985, 104 p.
- [2] BRAIT, Beth. *Literatura Comentada : Guimarães Rosa*. São Paulo: Abril educação, 1982, p. 112 p.
- [3] DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997, 170 p.
- [4] DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Tradução de Ana Lucia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. São Paulo: 34, 1995, 111 p.

Autor

¹ **Alex Fabiano CORREIA JARDIM, Prof. Dr.**
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes, MG)
Centro de Ciências Humanas (CCH)
Departamento de Filosofia
alfaja@hotmail.com